Revisitando *My heart belongs to daddy*: reflexões sobre o sujeito e seus outros

Gabriel Sapisochin,[1] *Madrid*

A partir de um material clínico, é descrito um processo identificatório encontrado na escuta analítica que articula o pulsional intrapsíquico com o histórico intersubjetivo. Postula-se que dito processo ataca a capacidade de pensar do sujeito, condenando-o a repetir compulsivamente um passado que jamais pôde ser. O autor considera que, embora a identificação seja inevitável do ponto de vista diacrônico evolutivo, porque estruturada subjetivamente, será somente uma estação de trânsito e não de chegada, pois contém a potencialidade da heteronomia.

Palavras-chave: identificação, internalização, pensamento, história, intrapsíquico, intersubjetivo, Édipo, enactment, agieren, *gesto psíquico, representação dramática.*

[1] Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Madrid (APM).

Introdução

Desenvolverei nesse trabalho uma série de questões e tentativas de resposta que me surgiram nas últimas décadas. Respostas que são metáforas, hipóteses provisórias que dão forma e significado a certas experiências que surpreendem nossa escuta analítica. E, quando decidimos comunicá-las, é para dialogar com outras maneiras de escutar os fatos clínicos que provocaram ditas perguntas.

A primeira hipótese que apresento é que, em minha experiência, quando podemos observar intraclinicamente uma identificação, mediante nosso método e dispositivo psicanalítico, é porque, ao se manifestar como sintoma – uma forma de realização que compromete o Ego –, determina que o analisando nos fale desde esta posição identificatória.

A segunda questão é que tais processos identificatórios impedem a capacidade subjetiva de se pensar em um vínculo com dois objetos, discriminados entre si e do próprio sujeito. Poderíamos dizer que são identificações que atacam o espaço mental necessário para que surja esse pensar.[2] Nesse sentido, diríamos que são identificações antiedípicas, não ante-edípicas.

A terceira questão parte da definição freudiana de identificação, a qual é considerada "[...] uma assimilação de um Ego a um Ego alheio, em consequência do que o primeiro Ego se comporta [...] como o outro [...]" (Freud, 1933, p. 58). Com esta definição, perguntei-me se existem identificações observáveis psicanaliticamente que não sejam heteronomizantes. Ou, antes, se toda fantasia ou crença de identificação implica uma negação desse terceiro espaço de alteridade necessário para o pensar.

Em minha experiência clínica, aqueles processos identificatórios aos quais nossos analisandos se apegam com maior tenacidade são processos identificatórios intergeracionais com aqueles que, em sua época, foram amados ou odiados pelos progenitores. Esta terceira hipótese implica o paradoxo entre a necessidade de se estruturar via identificação e a necessidade de se desidentificar para poder pensar a si mesmo em termos passados, presentes ou futuros.

Articulando as três hipóteses, sustento que, quando um sujeito se identifica com o outro desejado (ou odiado) pelo objeto incestuoso do passado infantil, a diferença entre as gerações fica ilusoriamente abolida. O sujeito não pode pensar

[2] Em outra oportunidade (1999), articulando a gênese do pensar com a estrutura triangular do psiquismo, defini a capacidade de pensar como a atribuição de uma lógica causal para o dado empírico da ausência (*onde esperava um positivo, encontro um negativo*), transformando-o em um pensamento que narrativiza, nos diferentes dialetos pulsionais, a crueza da ocorrência fática (*o objeto não está, porque se vincula pulsionalmente com um terceiro objeto*).

a si mesmo, uma vez que acredita ser o outro desejado ou odiado pelo progenitor cobiçado. E, por isso, fica sem espaço para viver o presente e o futuro; espaço esse que permanece ocupado pela presença compulsivamente repetida de um passado que se torna eternidade.

Qual é a importância disto tudo? Explorar intraclinicamente aqueles refúgios identificatórios onde Édipo resiste a ter um Complexo de Édipo; onde o sujeito psíquico desconhece que uma diferença geracional o separa para sempre do outro, com o consolo de poder encontrar infinitos sucedâneos exogâmicos presentes e/ou futuros.

Para abordar o assunto, ordenei certas ideias que fui amadurecendo e, para tanto, tomarei como ponto de partida uma problemática que abordei há alguns anos (Sapisochin, 1999).

Pensando de novo *My heart belongs to daddy*

L., uma mulher de uns trinta anos, foi uma das pacientes que me confrontou com a constelação a qual denominei *My heart belongs to daddy*.

Como sempre, são os artistas que, por meio do seu gênio criativo, dão forma a certas matérias da alma humana que a nós, analistas, é trabalhoso conceitualizar. Seguindo Cole Porter,[3] denominei *My heart belongs to daddy* a uma configuração psíquica que ouvi no relato de certas pacientes em que o denominador comum era um apego incestuoso ao objeto paterno, manifestado por uma identificação inconsciente com a figura da avó paterna.

Minha paciente L., que trabalhava em publicidade, estava casada e tinha dois filhos pequenos, veio me consultar porque, embora se considerasse inteligente, sentia que não podia fazer uso desta capacidade para pensar criativamente. Acreditava existir alguma coisa que bloqueava sua potencialidade para se desenvolver profissionalmente, como acontecera em seu tempo de estudante, quando apenas conseguiu terminar o curso depois de grandes esforços.

Era uma mulher bastante atrativa, que entrava em contato facilmente com suas emoções, e soube de minha origem argentina através do colega que a encaminhou a mim, apesar de não ter mencionado este conhecimento em nossos primeiros encontros, dando por certo que eu devia saber que ela conhecia este dado de minha própria filiação. Efetivamente, embora L. fosse espanhola, utilizava

[3] *My heart belongs to daddy*: letra e música de Cole Porter, 1938, Chapel and Co., Chapel/Intersong, USA.

típicos *argentinismos* que, me contou, aprendera por intermédio de uns conhecidos seus, também de origem argentina.

Esta tendência de L. a se relacionar comigo utilizando expressões idiomáticas que evocavam minha língua materna era algo que me parecia enigmático, mas não foi possível analisar até estar bastante avançado o seu processo analítico. Nesse momento foi interpretado, no contexto transferencial edípico positivo, como repetições de antigas tentativas de sedução da menina L. direcionadas ao seu pai, de origem italiana, a quem ela lembrava *encantado* ouvindo-a pronunciar um perfeito dialeto de certa região da Itália.

No entanto, durante essa temporada, eu percebia que não havia nada de surpreendente para L., nem convincente o bastante para mim, nesse tipo de interpretações que costumo denominar interpretações burocráticas.[4]

Mais tarde compreendi que ambos desconhecíamos, naquele momento do processo, a posição identificatória que sustentava com tanta tenacidade as tentativas de L. de ser portadora de minha língua materna.

Este uso que L. fazia de expressões que evocavam minha língua materna era, para mim, uma coisa misteriosa e inominável. Não entendia o significado que tinha e, ao seu tempo, considerei que, se o denunciava com uma intervenção do tipo "Você pensou por que usa expressões idiomáticas argentinas?", teria impedido que se desdobrasse toda essa fantasia de identificação. Decidi, então, não sem uma quota de ansiedade, jogar o jogo que L. me propunha, com a esperança de que esta *atuação dramática (Agieren)*[5] no encontro analítico nos permitisse desvendar tal enigma.

Como sempre, a teoria pode nos servir como uma terceira baliza, que, semelhante a um farol, nos acompanha durante uma navegação tempestuosa. Assim, pois, tanto minha investigação acerca da capacidade que tem a língua materna de evocar a primitiva relação oral com a mãe[6] quanto a teorização do *enactment* (*Agieren*) como forma de presentificação dramática do passado no espaço analítico, foram de enorme ajuda durante este período.

Logo após essa temporada durante a qual, como dizia antes, tudo parecia *comme il faut*, sobreveio uma fase, no quarto ano de análise, em que nos transportamos para o cenário de sua neurose infantil. E foi neste contexto narrativo

[4] Porque são formuladas pelo analista a partir de uma vinculação com a teoria que se torna um objeto reassegurador diante do desconhecimento; objeto que o deslumbra e com o qual mantém um vínculo narcisista em que o paciente fica sempre como um terceiro excluído da escuta.

[5] Ao longo do trabalho, utilizarei de maneira indistinta atuação dramática, dramatização ou seu equivalente inglês *enactment*. Para ampliação de meus desenvolvimentos sobre *Agieren* e *enactment,* remeto o leitor a Sapisochin, 2007, 2011, 2012, 2013, 2015, 2016a, 2016b, 2016c.

[6] Fato que foi apontado por numerosos autores como Greenson, 1950; Bollas, 1979; Casement, 1982; Anzieu, 1987; Amati-Mehler *et al*., 1990; Tessone, 1996.

que me contou pela primeira vez um ritual repetido obsessivamente desde tenra infância. Era algo que necessitava realizar todas as noites de sua vida antes de se deitar, e que consistia em uma forma muito peculiar de colocar a dobra do lençol (bordado com as iniciais familiares). Tratava-se de algo tão egossintônico para L. que se via surpresa ao se ouvir falando deste assunto que jamais lhe ocorrera trazer para a análise. Também para mim havia algo de enigmático no surgimento de um ritual realizado de forma obsessiva, ainda que desarmônico com o funcionamento mental histérico de L.

Um dia ela me disse: "Lembro que meu papai dizia, quando eu era pequeninha: 'Quando te vejo arrumar deste jeito a dobra do lençol, vejo minha mãe'. [...] Papai, que era órfão de pai desde muito pequeno, era muito ligado afetivamente com sua mãe. Dizia que era a mulher mais importante de sua vida e sempre relegava minha mãe a um segundo plano. [...]. Na verdade, dedicou-se a flertar com mulheres que são realmente parecidas com a mãe dele [...]".

Parecia que L. buscava *ser a primeira* na relação com o pai de sua infância, mas, para isso, achava que devia ser portadora daquilo que permitisse ao pai *confundi-la* com seu objeto de amor incestuoso. O sintoma de tipo obsessivo deixava de sê-lo quando L. podia estabelecer contato com a história desta avó paterna morta há muitos anos, embora viva em seu interior (Baranger, 1961; Mijolla, 1981), que, como uma intrusa, aparentemente havia se apoderado de seu psiquismo. Por isso, "Meu coração pertence ao papai".

Claro que, durante todo este tempo, L. continuava me falando com expressões idiomáticas argentinas e, em muitas sessões, comecei a ter consciência de que o seu flerte verbal tinha como finalidade fazer com que, mediante a ativação de certos aspectos de meu psiquismo inconsciente, eu mesmo me identificasse contratransferencialmente com um objeto paterno que, no *aqui e agora* do processo, confundisse uma filha-paciente com seu próprio objeto materno incestuoso.

Em outra sessão, algum tempo mais tarde, disse: "Às vezes pensei que certamente você emigrou jovem e se casou aqui em Madri, e que sua esposa poderia ser espanhola, o que o faria sentir saudade da Argentina. [...]. Ontem fui à casa de meus amigos, os F., e M., a esposa, prepara as comidas típicas argentinas para seu marido. Deve ser para que ele não tenha saudades da Argentina. [...]. Enfim, havia empanadas de Salta e panquecas de doce de leite. Lembro que pensei: 'Poderia levar um prato para Sapisochin. [...] Ele ia ficar encantado'".

Enquanto L. falava, recordo-me de ter visto em minha mente "as empanadas e as panquecas de doce de leite", que são pratos típicos da oferta gastronômica argentina, com os quais L. tentava me seduzir. Felizmente dei-me conta de que ditos alimentos apareciam servidos em espaços e por objetos de minha vida infantil. Ao

me recuperar da fantasia contratransferencial, tive consciência de que o discurso de L. me levara a espaços psíquicos onde eu havia vivido há muito tempo e que não era o tempo real em que, nessa sessão, estava com L. Lembrei então minha forma de escutar polissemicamente "a Argentina", pois soa muito parecido "ter saudade da Argentina" (país) e "ter saudade da argentina" (mulher de origem argentina). E pensei que L., trazendo os *manjares* de meu passado infantil, me propunha que ela seria "a mãe argentina".

Tentando dar forma a esta cena, recriada várias vezes no espaço transfero-contratransferencial, disse que ela acreditava que, se me trazia essas comidas de meu passado, eu ia ficar tão encantado e confuso a ponto de lhe preferir ao invés da minha mulher espanhola, incapaz de ser como uma mãe argentina, que era como ela queria ser para mim.

E, enquanto a interpretava, vinham muito fugazmente à minha mente todos aqueles momentos em que L. me havia falado com argentinismos, algo que, neste contexto narrativo, dava um novo significado ao nosso vínculo e permitia compreender sua tenacidade em ser portadora de minha língua materna. Uma busca irrefreável de ocupar frente a mim a representação do objeto edípico incestuoso, cujo resto imortal de *a Madonna* pressiona em todas nossas produções inconscientes. Inclusive em nossa contratransferência. Posicionamento contratransferencial do qual agora era consciente e que significava *a posteriori* (*nachträglich*) numerosos e sutis *enactments* que haviam passado inadvertidos para mim (Cassorla, 2005, 2012).

Assim, para L., desejar tornar-se a mãe do pai que representava seu analista, tinha o significado de um salto geracional que lhe permitia desmentir a exclusão do casal de pais edípicos criado no espaço analítico: o analista e sua mulher espanhola. Não se tratava de se colocar na posição da mãe edípica, mas sim fundamentalmente acima desta, como se proclamasse: "Não podes competir comigo já que sou o objeto primário do papai. Ao contrário de ti, que é somente um substituto deslocado".

Faltavam alguns minutos para acabar a sessão, durante os quais L. ficou serenamente pensativa. No dia seguinte me disse: "Ontem saí da sessão bastante emocionada. Lembro que, quando todos foram dormir em casa, sentei na sala para fumar um cigarro e me veio à cabeça algo que jamais havia pensado. Quando eu tinha três anos, morreu a mãe de meu pai na Itália. Minhas irmãs contam que papai ficou por vários anos muito abatido, com saudades de sua mãe. Talvez, quando lhe falava em italiano ou lhe cantava canções de sua infância, as quais ele mesmo havia me ensinado, isso o fazia sentir que a sua mãe continuava viva. [...]. Tenho imagens dela, mas não sei se realmente a vi alguma vez. Quando morreu seu marido, que, não sei se lhe contei, era seu primo-irmão, herdou uma fortuna substancial que lhe permitiu viver como uma rainha. Isto fez com que meu pai

fosse tão mimado por ela... [...] E lhe dizia que a via em sua cama tomando o café da manhã, ou tarde da manhã lendo, entre enormes almofadas bordadas... Muitas manhãs, quando acho que é hora de levantar e ir à luta, e acho que não conseguirei, digo a mim mesma: 'Vives como se fosses uma milionária e não és'. E agora me dou conta de que vivo como se fosse ela".

As identificações intergeracionais como intersecção dos espaços intra e intersubjetivos[7]

Em 1999, quando utilizei este material para escrever o citado artigo, afirmei: "L. diz que, se ela ocupa o lugar da 'mulher argentina', ocupará para mim o lugar da primeira mulher, tanto no sentido de máxima valorização narcisista como no sentido cronológico do termo; e esta posição identificatória lhe permite negar a diferença de gerações e saltar o complexo de Édipo recriado na situação analítica" (Sapisochin, 1999, pp. 761).

Quer dizer, afirmava que se identificar com a avó paterna elude a impossibilidade de satisfação do Complexo de Édipo, algo que normalmente sustentamos que leva ao estabelecimento das assim chamadas identificações secundárias pós-edípicas. Neste caso, seria a identificação feminina de L. com a própria mãe ou a identificação masculina com seu pai.

Acredito, no entanto, que não é suficiente, como fiz no trabalho antes citado, apenas definir o conteúdo da identificação, quer dizer, a incorporação e identificação com a avó paterna, que é o objeto incestuoso do objeto paterno amado. O que os analistas francófonos denominam de *o outro do outro* (Bott Spillius, 2002).

Não é suficiente porque é preciso delimitar qual tipo de processo está em jogo. Neste caso, uma identificação que permite eludir o trabalho de luto pelo vínculo de disponibilidade total do objeto edípico desejado, o objeto paterno no caso de minha paciente.

Lembremos que L. me apresenta um sintoma que arrasta egossintonicamente desde a infância. E que, por trás desse sintoma, emerge a estátua imortal do objeto supostamente amado por seu pai, o que lhe permite acreditar que a impossibilidade edípica torna-se possível. De modo que um segredo familiar – a história da fixação incestuosa do progenitor – proporciona não apenas o conteúdo da identificação – nesse caso, a personagem incestuosa da avó paterna – como um modo de processar

[7] Ao contrário de outros autores que utilizam a denominação transgeracional (veja-se Kaës, 1991), optei pela de intergeracional já que a preposição *trans*, que denota passagem para o lado oposto, dá uma ideia de algo não metabolizado que irrompe em um psiquismo passivo. Como se verá, minha teorização aponta para a articulação do intrapsíquico com o interpsíquico.

os lutos. Quer dizer, um processo identificatório é utilizado com o fim de desmentir a perda de uma crença imaginária.

Voltarei ao meu argumento sobre a identificação perguntando-me de onde surgem as motivações que sustentam este processo, para o qual teríamos duas possibilidades de conceitualização segundo o modelo que escolhamos. A partir da vertente intersubjetivista, sustenta-se que a identificação seria resultante do irredutível desejo dos progenitores sobre seus filhos e que o ser identificado passivamente por aqueles, quer dizer, colocado em certa posição identificatória, implica a heteronomia que sofre o si mesmo frente a esta pressão intersubjetiva a identificar-se que surge do outro. Uma alienação em troca de ser salvo como sujeito da desorganização e desvalimento psíquico infantil.

A partir de uma vertente intrassubjetivista, pode-se pensar em identificações primárias, narcisistas, identificações confusionais, identificação projetiva dentro de um objeto interno (Money-Kyrle, 1965; Meltzer, 1966; Sohn, 1985). Aqui o foco explicativo não está, como no caso anterior, em um devir identificado passivamente, mas em uma atividade do Ego que busca se identificar.

De um lado se enfatiza a transmissão parental e, do outro, uma defesa ativa diante da dor psíquica que supõe a perda edípica demarcada pela triangularidade. Neste sentido se pensa que este tipo de identificações impede a assim chamada identificação secundária pós-edípica. O problema é que ambas as proposições são corretas, mas, em minha opinião, separadamente não dão conta da complexidade do fato clínico.

Em primeiro lugar, porque um sujeito não é uma *tábula rasa* onde todos os conteúdos mentais se inscrevem desde o outro. A prova disso é que, quando Freud nos afirma, em *O Ego e o Id* (1923), que o Ego se constitui por identificações, sincronicamente nos coloca a existência de um Id carregado de pulsionalidade inata.

Por outro lado, se a partir de uma vertente intrassubjetivista conceitualizássemos a fundação da realidade psíquica apoiando-nos exclusivamente na projeção, correríamos o risco de cair em uma espécie de *percepticídio* ao negar a contribuição dos progenitores para a estruturação subjetiva. Os anglo-saxões falam de *fazer luz de gás para o paciente* em alusão ao filme de Cukor.[8]

O desafio surge se tentamos pensar que todo sujeito tem a dupla tarefa de se submeter, por um lado, às leis que regem seu funcionamento pulsional inconsciente, comandado por sua vez pelo princípio do prazer e, por outro lado, às leis impostas à mente em consequência de sua ligação com o espaço intersubjetivo, onde uma história genealógica deixa sua marca na identidade subjetiva como se se tratasse de um escudo de família (Sapisochin, 1999, 2006, 2007, 2008, 2013, 2016c). E é

[8] N.R.: Refere-se aqui ao filme *Gas light* (*À meia luz*), realizado pelo cineasta George Cukor em 1944.

neste processo identificatório, sustentado sincronicamente desde os espaços intra e intersubjetivos, em que o sujeito infantil sobrevive como o herói Édipo, cego às forças ocultas que comandam sua vida.

Assim, pois, a questão seria tentar explicar este processo identificatório intergeracional sem cair em um *percepticídio solipsista*, buscando as motivações somente no intrapsíquico estrutural e a-histórico, nem cair em um empirismo *naïf* que busca explicações exclusivamente no espaço intersubjetivo.

As motivações intra e interpsíquicas do processo identificatório

Lembremos que Freud diferencia entre luto normal e patológico quando, em *Luto e melancolia* (1917), ocupa-se de conceitualizar o fenômeno da identificação. No primeiro, o sujeito reconhece que o objeto já não está na realidade e se desliga paulatinamente dele. Hoje diríamos que se põem em marcha os processos de simbolização, que consistem na transformação progressiva de uma boca cheia do objeto concretamente percebido a um psiquismo com um espaço potencial de ser preenchido por pensamentos verbais que aludem metaforicamente ao objeto perdido.

Em troca, no luto patológico, o acesso ao estatuto ausente do objeto é desmentido e sua sombra cai sobre o Ego. Quer dizer, o processo identificatório coloca o objeto, em maior ou em menor medida, como presente no espaço no qual um processo simbólico do Ego deveria tê-lo representado, isto é, tê-lo presente em pensamentos. Por acaso não há algo disto quando Freud propõe em *O Ego e o Id* (1923) que, como consequência da identificação secundária pós-edípica, o Ego se oferece ao Id como seu objeto de amor?

É por isso que proponho que consideremos este processo identificatório como uma crença ilusória que denota uma falha na simbolização do ausente. Uma crença inconsciente que tende ao desconhecimento defensivo da impossibilidade de dispor livremente do objeto desejado.

Mas o importante a notar em minha colocação é que não se trataria da identificação com o objeto desejado, mas com o outro, amado ou odiado, do objeto desejado, uma vez que se trataria de acreditar que é possível ocupar o espaço onde sobrevive o outro do objeto. Um objeto que subsiste imortal no inconsciente do progenitor desejado.

E por acaso o famoso *sepultamento* (*Untergang*) do Complexo de Édipo, como destino normogênico, não consistiria em processar a inevitável constatação de que o objeto desejado-salvador-do-desamparo pensará em outro adulto que o

satisfaça em algo que o sujeito infantil – por causa de sua imaturidade – jamais poderá satisfazê-lo? E este processo identificatório com esse terceiro outro, que sempre desalojará o sujeito da mente do objeto desejado, nos leva ao espaço intersubjetivo, o que me permitirá tentar compreender como impacta a história que os objetos parentais de Édipo proporcionam. Quer dizer, qual é a contribuição da história genealógica para a sustentação deste processo identificatório; em outras palavras, para as motivações intersubjetivas do processo identificatório.

Quando Freud (1923) conceitualiza a identificação como constituinte tanto do Ego como do Superego, aparentemente abandona sua primeira ideia de uma modalidade patológica de elaboração de um luto. Neste modelo, o Ego é inconscientemente outro, em maior ou menor medida. Mas, que outro? Porque os progenitores trazem uma história de vínculos com seus objetos, em consequência do que seguem tendo ativo seu Id disposto a *encontrar o familiar no não-familiar* (Milner, 1952). E incluem os próprios descendentes como personagens de seus dramas passionais que seguem ativos no teatro de sua mente inconsciente. Escutemos o que Jones dizia a respeito:

> "[...] não é exagerado dizer que, em maior ou menor medida, sempre tem lugar certa transferência por parte de um progenitor para o filho do sexo correspondente [...] É comum encontrar uma mãe tentando moldar seu filho de acordo com as características do próprio pai ou encontrar um pai tentando moldar sua filha de acordo com sua mãe, quer dizer, fazendo com que o(a) menino(a) incorpore o caráter do avô(ó) [...] assim a criança imita não seus pais, mas os ideais de seus pais, os quais são habitualmente tomados do avô do mesmo sexo que o da criança. Frequentemente acompanhei este processo em detalhe e observei como a atitude dos progenitores em relação a certos traços que odiaram ou amaram de seus pais é reproduzida no trato com seu filho ou filha [...] O significado social disto é óbvio no que se refere à transmissão da tradição [...]" (Jones, 1913, p. 411).

Assim, pois, Jones propõe que os progenitores atribuem a seus filhos um lugar identificatório ao repetir o vínculo imortal com seus objetos amados, ou odiados, que pertencem a duas gerações anteriores. Balint também se refere a isto, afirmando que os progenitores vivenciam uma parte importante de sua sexualidade reprimida na relação com seus descendentes (Van Haute, 2005).

Muitos anos mais tarde, Mijolla nos diz que

> [...] cada um de nós foi apenas mais um peão sobre aquele imenso tabuleiro de xadrez que talharam muito anos antes de que nascêssemos e no qual o rei e a rainha já ocupavam seu lugar [...] daí que os avós ocupem um lugar fundamental no marco desta constelação edípica de cada indivíduo [...] a descoberta de sua importância desperta em nós certa frustração narcisista [...] porque jamais fomos o único objeto amoroso de nossos pais, fomos tão somente um substituto tardio de suas primeiras relações emocionais com aqueles avós cujos trajes descoloridos [...] exibimos tão frequentemente sem nos darmos conta [...] (Mijolla, 1987, p. 75).

No caso de minha paciente L., o pai transfere sobre ela algo do passado. "Quando te vejo, vejo minha mãe", lembra que costumava lhe dizer seu pai que, por este procedimento, tornava presente uma mãe ausente de seu passado infantil. Talvez um pai para quem seus anseios narcisistas continuem imortais pelo que faz de sua filha, em lugar de "*His majesty... the baby*" (Freud, 1914, p. 88), *His majesty... the mother*. Este é o significado que tem para mim esta frase de Freud, habitualmente interpretada em termos da idealização do infantil por parte de um progenitor.

Acredito, no entanto, que haveria outra leitura, já que o progenitor idealiza a criança como objeto de amor (ou ódio) enquanto lhe atribuiu, sem sabê-lo, uma personagem de sua própria constelação edípica pertencente à outra geração. Haveria, como descreveu Ferenczi (1949), uma confusão: um sujeito infantil que busca ser salvo do desamparo psíquico e um adulto em busca de encontrar um objeto de seu passado com o qual, desta vez sim, realizar o vínculo de livre disposição que não foi em seu tempo.

Por isso, quando conjecturo que o pai transfere sobre L. algo do passado, utilizo a palavra transferência no sentido psicanalítico do termo pelo que se designa o processo em virtude do qual os desejos inconscientes se atualizam – encontram uma realização, como diria Bion – com certos objetos do presente com os quais se repete um modelo de relação objetal do passado (Laplanche & Pontalis, 1971). Mas, além disso, o vocábulo alemão (*Übertragung*) com que Freud designa a transferência é empregado igualmente para os fenômenos de transmissão (de doenças, de pensamentos, de afetos) entre um sujeito e outro (Kaës, 1993), e aludiria também à transmissão familiar de patologia psíquica. Nestes tempos em que os biologicistas ganharam muito terreno, esta poderia ser, entre outras, uma possível resposta psicanalítica à tão mencionada questão da carga genética. Vemos, então, como o conteúdo da identificação, a personagem que desperta a secreta paixão do objeto paterno amado, é transmitida intersubjetivamente.

Contudo, se escutamos a narração da paciente, comprovamos que acontece algo mais. L. sustenta que seu pai lhe transmite a crença de que a incestuosidade endogâmica é uma eventualidade possível. E a transmite através dos relatos paternos do vínculo com a avó, já que L. afirma lembrar seu pai dizendo: "Minha mãe sempre ocupou dentro de mim o lugar da mulher mais importante". Mas mais ainda, porque, como havia sugerido Freud, "[...] o homem que violou um tabu [...] possui a perigosa aptidão de tentar outros para que sigam seu exemplo [...]. Realmente, pois, é contagioso, posto que seu exemplo impulsiona à imitação [...]" (Freud, 1913, p. 40). Quer dizer, além da transmissão da posição identificatória com a avó, o pai de L. também teria proporcionado à sua filha um modelo de trânsito por seu próprio conflito edípico, trânsito no qual o luto pela fixação incestuosa seria desmentido.

Lamentavelmente, quando Freud tem de renunciar à *teoria da sedução* para poder construir seu monumental edifício metapsicológico, fundado sobre a realidade psíquica e sobre a fantasia inconsciente, *joga fora o bebê junto com a água do banho* ao deixar de lado tanto a sedução manifestamente atuada –que é o abuso sexual do adulto pedófilo – quanto a irredutível sedução imposta pelo inconsciente do outro (Jones, 1913; Ferenczi, 1949; Laplanche, 1987). Sedução entendida contemporaneamente, não em termos do atentado sexual do adulto vienense, mas em termos de um objeto parental que, buscando satisfazer sua irredutível sexualidade infantil reprimida, não só se relaciona com o sujeito infantil induzindo-lhe certa posição identificatória com objetos de seu passado, que pertencem a uma geração anterior, como ao mesmo tempo proporciona um modelo de elaboração de conflitos intrapsíquicos. No caso de L., "quando te vejo arrumar a dobra do lençol, vejo minha mãe"[9]. Um modelo em que o luto pelo objeto ausente é negado tanto para o progenitor quanto para o sujeito.

Voltemos a pensar. Poderíamos continuar afirmando que a identificação secundária com os progenitores edípicos é o único destino do complexo nuclear? Em minha opinião, aqui está a chave do problema, uma vez que, quando Freud postula a identificação normogênica com os ideais parentais, dá por certo que os pais teriam *sepultado* definitivamente seus conflitos edípicos. Quase um modelo de *inconscientectomia* ou de objetos órfãos de história. E que a identificação seria *per se* um sinal de normogênese. Uma ideia sobre a saúde que não se encaixa com

[9] Devido aos limites desta publicação não posso estender-me sobre o assunto, embora seja importante sublinhar o predomínio do perceptual sensorial sobre o representacional-cognitivo-não-sensorial na gênese destes processos identificatórios. Trata-se da identificação com certos *gestos psíquicos* da personagem com a qual o sujeito se identifica, *gestos psíquicos* que são a base do atuado dramaticamente. Para uma ampliação sobre minha noção de *gesto psíquico,* veja-se Sapisochin, 2007, 2013, 2015, 2016a, 2016b e 2016c.

o *continuum* entre saúde e *loucura privada*, que Freud defendeu ao longo de toda sua obra. Costuma-se aceitar isto sem fazer reparos, apesar da comprovação clínica de que sempre existe nos progenitores um segredo indizível por ser inconsciente, determinado por um resto de fixação incestuosa irredutível, e que é sobre este segredo universal que se assenta o processo identificatório intergeracional.

Pensar os progenitores ou se identificar. Essa é a questão.

O estatuto paradoxal do objeto

Diversos autores descrevem certas identificações que denominam de *identificações cifradas* (Abraham & Torok, 1972), fantasmas de identificação (Mijolla, 1981, 1987) ou *telescopagens de gerações* (Faimberg, 1985), nas quais é descrito este fenômeno através do qual três gerações se entrecruzam em um processo identificatório. Contudo, trata-se somente de um tipo particular de identificação em consequência de situações excepcionais com progenitores especiais, quase que tirados das páginas de jornais sensacionalistas?

Faimberg (1985) sugere que se trataria de "[...] um fenômeno universal que poderia ser interpretado em uma ou outra etapa de toda análise" (p. 1055), mas isto com a condição de que o analista disponha em seu esquema referencial de uma articulação entre tópicas inter e intrassubjetivas.

Sabemos que a escuta e a observação psicanalítica não são *naïfs,* já que a teorização do analista condiciona a forma de escutar seu paciente. Se nossa metapsicologia particular contém o suposto da contribuição da história familiar na constituição da realidade intrapsíquica, teremos que dar conta, em nossos processos analíticos, da maneira com que dita história fica registrada no psiquismo como *gesto psíquico* (Sapisochin, 2007, 2013).

Por isso penso que, da descrição inicial de um fenômeno particular na clínica analítica dos anos 70, entusiasmada pela escuta do traumático negativizado em uma geração que retorna impactando o psiquismo das gerações seguintes, estes processos identificatórios intergeracionais de alcance geral seriam submetidos ao estatuto paradoxal da irredutível existência do outro dentro do sujeito.

Uma situação paradoxal dada, em primeiro lugar pela ineludível necessidade do ser humano de se apropriar primariamente de um outro, ao qual por sua vez ele acaba investindo, em consequência do que é possível dar significado à experiência em termos pulsionais. Por acaso a capacidade de contenção do objeto não implica receber os conteúdos pulsionais e devolvê-los metabolizados por uma mente adulta com desejos próprios preexistentes ao próprio sujeito?

E o outro polo do paradoxo reside no fato secundário a partir de um ponto de vista lógico,[10] embora nem por isso menos importante, de tornar próprio o transmitido. Algo similar ao processo de osteointegração depois da implantação de uma prótese no corpo. Quer dizer, similar à transformação intrapsíquica deste legado parental que nos permite distanciar de uma causalidade linear entre o discurso inconsciente parental e o que o sujeito infantil faz com isto.

Do meu ponto de vista, as formulações do lacanismo sobre o inconsciente como *discurso do Outro*, ou a visão da criança como *sintoma dos pais*, deixam de lado esta profunda ruptura ou transformação que ocorre com o recebido. Problema este a que não são alheias outras teorizações intersubjetivistas, tais como as de Ferenczi, Fairbairn, Kohut, nas quais a responsabilidade psíquica é pouco trabalhada.

Trata-se, então, de como conciliar este conflito entre as leis que comandam o funcionamento intrapsíquico e aquela outra que, desde o espaço intersubjetivo, nos liga a uma genealogia familiar. Freud (1913) se refere a este fato ao comentar um fragmento do texto do *Fausto* de Goethe: "Talvez seja este o sentido das palavras do poeta: o que herdaste de teus pais adquire-o para possuí-lo" (p. 159). Penso que, neste contexto, *adquire-o* implica tornar-se sujeito ativo da história transmitida pelos progenitores.

Por isso, no trabalho anteriormente citado, tentando conceitualizar como o intersubjetivo ficava registrado no psiquismo, postulei que todo sujeito se aferra e se identifica com aqueles fragmentos da história secreta de seus progenitores que são suscetíveis a que sustente uma crença inconsciente acerca de si mesmo e relacionada ao casal edípico que, rompendo os vínculos de filiação intergeracional, considera cumpridos os desejos incestuosos infantis (Sapisochin, 1999). Quer dizer, proponho que, a fim de se estruturar psiquicamente, todo sujeito humano tece uma rede fantasmática, combinando de maneira ativa os aspectos captados obliquamente da história intersubjetiva, com outro fio proveniente de seu espaço intrapsíquico que busca satisfazer o infantil endogâmico. O resultado desta fantasia inconsciente é um processo identificatório com os outros incestuosos dos progenitores, lugar onde a história intersubjetiva se inscreve no psiquismo.

Nova versão da história que, por outro lado, protegerá o sujeito do desamparo (*Hilflosigkeit*) a que a inundação traumática do inconsciente parental o submete desde o nascimento E quando esta versão do sujeito diante dos progenitores deixa de ser inconsciente, abre a possibilidade de ter acesso à desidentificação, a qual é a precondição para surgir um sujeito que pode se pensar em termos passados e com um projeto de futuro fora da repetição heteronomizante.

[10] Não cronológico.

Neste sentido, poderíamos afirmar que a identificação, embora seja inevitável do ponto de vista diacrônico evolutivo porque estrutura subjetivamente, será somente uma estação de trânsito e não de chegada, pois contém a potencialidade da heteronomia (Sapisochin, 1999). Por isso a cura pressupõe transformar os fantasmas do presente, tornados identificação, em ancestrais do passado. Quer dizer, emancipar-se do apego infantil ao progenitor que salvou de um desamparo psíquico que já não é presente; um progenitor a quem se deixará *descansar em paz* com os objetos de sua geração.

Entre o identificar(-se) e o pensar

Usualmente se afirma, desde Freud, que toda identificação é o resultado da não elaboração do luto por um vínculo objetal. Por outro lado, afirma-se que a identificação secundária é o resultado do *sepultamento* (*Untergang*) do Édipo.

Aqui teríamos uma situação teórica paradoxal, uma vez que se apresenta a saída do *complexo nuclear estruturante* seguindo o modelo da solução melancólica, com o que a ideia do famoso *sepultamento* do objeto edípico (Freud, 1924) parece não ficar muito clara. Além disso existe outro problema dentro da teorização, já que, como disse antes, Freud possui um modelo implícito de progenitor que teria tido acesso ao sepultamento de seu próprio conflito edípico, fato que contradiz sua ideia da imortalidade do objeto da realidade psíquica.[11] Assim, quando propõe uma identificação com os pais como saída do Édipo, não pode dar conta de um fato observado até a saciedade: que se identificar com os progenitores supõe identificar-se com os personagens de sua história inconsciente, devido a que esta permanece ativa, em maior ou menor grau, e à busca de reencontrar o antigo no novo (Milner, 1952).

Como afirmam diferentes autores (Loewald, 1962a, 1962b; Schafer, 1968; Abraham & Torok, 1972) e como nos demonstra a escuta cotidiana de nossos pacientes, em toda identificação haveria algum apagamento dos limites da representação do Ego. Além disso, constatamos que os desejos edípicos, entendidos como total disponibilidade de um objeto e o desejo de eliminar o terceiro objeto que impede este desejo (Klein, 1928, Chasseguet-Smirgel, 1984), jamais desaparecem de todo. E provavelmente seja uma explicação plausível de por que Freud recorre a uma saída *a la melancólico* para o Édipo.

Com estes pressupostos, talvez seja mais pertinente considerar o

[11] De acordo com o que afirma em *A interpretação dos sonhos* (1900) e a sua noção de um Id imortal nas *Novas conferências* de 1932.

identificatório somente como um polo de um processo dialético que oscila entre a identificação e o trabalho de luto que leva ao pensar simbólico. Como se o identificatório fosse para o trabalho de pensar a própria história como a arte figurativa é para a arte abstrata. E a subjetividade surgiria da oscilação entre duas lógicas que constantemente se ligam e se desligam, dando lugar a um terceiro modo de processos psíquicos (Bion, 1965; Winnicott, 1967; Green, 1995).

Proponho, então, que utilizemos, como metáfora visual deste *continuum,* um polo constituído pela desmentida do ausente, pelo passado compulsivamente repetido, pelo identificatório endogâmico e pela concretude, em interação dialética com outro polo de tensão constituído pelo luto, pelo futuro exogâmico, pelo pensamento e pela abstração.

Desmentida do ausente – passado repetido – endogamia – o identificatório – concretude ↔ trabalho de luto – futuro – exogamia – pensamento – abstração

E dado que, felizmente, não se alcançaria nenhum dos dois polos de uma vez e para sempre, isto supõe um infinito trabalho elaborativo para o psiquismo humano, que sempre buscará irrefreavelmente encontrar o antigo no novo, o familiar no estranho. Um fato que supõe enredar-se com a atividade de ligação prazerosa do Ego de criar novos objetos e novos vínculos, cada vez mais distantes desta oferenda crônica ao objeto parental incestuoso como seu outro privilegiado. ❐

Abstract

Revisiting *My heart belongs to daddy*: reflections on the subject and its others
Starting from a clinical case, the paper describes an identification process found in analytic listening that articulates the intrapsychic drive and the intersubjective history. That process is thought to attack the capacity to think of the subject, condemning the latter to compulsively repeat a past that could never exist. Even though the identification is inevitable from an evolutionary diachronic perspective, since it is subjectively structured, the author considers that it is only a transitory station and not the final destination, because it contains heteronomous potential.

Keywords: identification, internalization, thinking, history, intrapsychic, intersubjective, Oedipus, *enactment*, *agieren*, psychical gesture, dramatic representation.

Resumen

Revisitando *My heart belongs to daddy*: reflexiones sobre el sujeto y sus otros
A partir de un material clínico se describe un proceso identificatorio hallado en la escucha analítica que articula lo pulsional intrapsíquico con lo histórico intersubjetivo. Se postula que dicho proceso ataca la capacidad de pensar del sujeto condenándolo a repetir compulsivamente un pasado que jamás pudo ser. El autor considera que, aunque la identificación sea inevitable desde el punto de vista diacrónico evolutivo, porque estructurada subjetivamente, será sólo una estación de tránsito y no de llegada, debido a que contiene la potencialidad de la heteronomía.

Palabras clave: identificación, internalización, pensamiento, historia, intrapsíquico, intersubjetivo, Edipo, *enactment*, *agieren*, gesto psíquico, representación dramática.

Referências

Abraham, N. & Torok, M. (1972). Introjecter-Incorporer, Deuil ou Mélancolie, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, *6*: 111-122.

Amati, M. J., Argentieri, S., & Canestri, J. (1990). *La babele dell'inconscio. Lingua madre e lingue straniere nella dimensione psicoanalitica.* Milano: Raffaello Cortina Editore.

Anzieu, D. (1987). *El yo piel*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Baranger, W. (1961). El muerto-vivo: estructura de los objetos en el duelo y los estados depresivos. In *Problemas del campo psicoanalítico*, (pp. 217-229). Buenos Aires: Kargieman.

Bollas, C. (1979). The transformational object. In *The British School of psychoanalysis: The Independent Tradition*, ed. G. Kohon, London: Free Association, pp. 83-100.

Bott Spillius, E. (2002). De l´alterité de l´autre. In *Penser les limites. Escrits en l´honneur d´André Green,* Paris: Delachaux et Niestlé, pp. 403-408.

Casement, P. (1982). Samuel Beckett´s relationship to his mother-tongue, *Int. J. of Psycho-anal.*, *9*: 35-44.

Cassorla, R. M. (2005). From bastion to enactment: the non-dream in the theatre of analysis. *Int. J. Psychoanal., 82*: 1155-70.

Cassorla, R. M. (2012). An exercise in clinical validation and broadening of hipotheses. *Int. J. Psychoanal., 93*: 53-80.

Chasseguet-Smirgel, J. (1984). The archaic matrix of the Oedipus complex. In *Sexuality and mind,* London: Karnac, pp. 74.

Faimberg, H. (1985). El telescopaje de generaciones: la genealogía de ciertas identificaciones, *Revista de Psicoanálisis*, *42* (5): 1043-1056.

Ferenczi, S. (1949). Confusion of tongues between the adult and the child: the language of tenderness and of passion, *Int. J. of Psycho-Anal., 30*: 225-230.

Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos.* Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 5.

Freud, S. (1913). *Tótem y tabú*, Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 13.

Freud, S. (1914). *Introducción del narcisismo*, Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 14.

Freud, S. (1917[1915]). *Duelo y melancolía*, Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 14.

Freud, S. (1923). *El Yo y el Ello*, Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 19.

Freud, S. (1924). *El sepultamiento del Complejo de Edipo*, Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 19.

Freud, S. (1933[1932]). *Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis*, Buenos Aires: Amorrortu, Vol. 22.

Green, A. (1995). Nota sobre los procesos terciarios. In *La Metapasicología Revisitada.* Buenos Aires: Eudeba*,* p. 185.

Greenson, R. (1950). The mother tongue and the mother. *Int. J. of Psycho-anal., 31*: 18-23.

Jones, E. (1913). The phantasy of the reversal of generations, In *Papers on psycho-analysis*. London: Maresfield Reprints, pp. 407-412.

Kaës, R. (1991). El pacto denegativo en los conjuntos tran-subjetivos. In A. Missenard *et al*., *Lo negativo. Formas y modalidades.* Buenos Aires: Amorrortu, pp. 130-169.

Kaës, R. (1993). Introducción al concepto de transmisión psíquica en el pensamiento de Freud In R. Kaës *et al*., *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu, pp. 31-74.

Klein, M. (1928). Early stages of the Oedipus conflict. In *The writings of Melanie Klein,* Vol. 1, London: The Hogarth Press & The Institute of Psycho-Analysis, pp. 186.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1971). *Diccionario de psicoanálisis.* Barcelona: Labor.

Laplanche, J. (1987). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.

Loewald, H. (1962a). Superego and time. *Int. J. of Psycho-Anal., 43*. Reproducido en Loewald, H.: *Papers on psychoanalysis*. New Haven & London: Yale Univ. Press, pp. 257, pp. 43.

Loewald, H. (1962b). Internalization, separation, mourning and the Superego. *Psych. Q., 31*. Reproducido em Loewald. H.: *Papers on psychoanalysis*. New Haven & London: Yale Univ. Press, pp. 257.

Meltzer, D. (1966). The relation of anal masturbation to projective identification, *Int. J. of Psycho-anal.*, 47: 335-342.

Mijolla, A. de (1981). *Los visitantes del yo. Fantasmas de identificación*, Madrid: Tecnipublicaciones.

Mijolla, A. de (1987). Las fantasías inconscientes de identificación y la prehistoria familiar. *Libro Anual de Psicoanálisis* 1987, pp. 75.

Milner, M. (1952). The role of illusion in symbol formation. In *The suppressed madness of sane men*. London: Routledge, pp. 97.

Money-Kyrle, R. (1965). Megalomanía. In *Collected papers of Roger Money-Kyrle.* Perthshire: Clunie Press, 377.

Sapisochin G. (2016c). Enactment: l'écoute psychanalytique du passé non remémoré. Presentado em Centre de Psychanalyse & de Psychothérapie Evelyne et Jean Kestemberg. Publicado em *Secret et transgénérationnel*, 129-159. *Psychanalyse et Psychose,* 17. Paris : CPP.

Sapisochin, G. (1999). *My heart belongs to daddy*: some reflections on the difference between generations as the organizer of the triangular structure of the mind, *Int. J. of Psycho-Anal., 80, 755.*

Sapisochin, G. (2006). Entre la identificación y el pensamiento: reflexiones sobre la internalización. *Rev Psic APM* 48: 185.

Sapisochin, G. (2007). Variaciones post-freudianas de *Agieren*: sobre la escucha de lo puesto en acto. *Rev. Psicoanál. APM, 50* : 73-102.

Sapisochin, G. (2008). Tra l´identificazione e il pensiero: reflessioni sull´internalizzazione. *Psicoanalisi, 12:* 41-59.

Sapisochin, G. (2011). La escucha de la regresión en el proceso analítico. *Rev. Psicoanál. APM 62*: 39-85. *L'Ascolto della regressione nel processo psicoanalitico*, *Psicoanalisi 15*(2) :29-73.

Sapisochin, G. (2012). A escuta da regressão no processo analítico. *Rev. Brasileira de Psicanálise, 46*(3): 90-105.

Sapisochin, G. (2013). Second thoughts on Agieren: listening to the enacted. *Int. J. Psychoanal. 94*: 967-991.

Sapisochin, G. (2015). Playing: some remarks on the enacted dimension of the analytic process. In G. Saragnano, C. Seulin (Eds.). *Playing and reality revisited. Psychoanalytic Classics Revisited*. London: Karnac Books.

Sapisochin, G. (2016a). Metapsychology or metapsychologies? Some comments on Paul Denis's paper 'The drive revisited: mastery and satisfaction'. *Int J Psychoanal*. 97: 797-809.

Sapisochin, G. (2016b). Dialogando con D. W. Winnicott. Reflexões sobre a escuta do *enactment*. *Revista de Psicanálise de SPPA, 23*(2): 231-254.

Schafer, R. (1968). *Aspects of internalization*. Madison: IUP.

Sohn, L. (1985). Narcissistic organization, projective identification, and the formation of the identificate. *Int. J. of Psycho-Anal.*, *66*(2) 201-213.

Tessone, J. E. (1996). Multi-lingualism, word-presentations, thing-presentations and psychic reality. *Int. J. of Psycho-anal.*, *77*, 5: 871-881.

Van Haute, P. (2005). Infantile sexuality, primary object-love and the anthropological significance of the Oedipus complex: re-reading Freud´s 'Female Sexuality'. *Int. J. of Psycho-Anal.*, *86*: 1661-78.

Winnicott, D. W. (1967). The location of cultural experience. In *Playing and reality*. London/New York: Routledge, p. 95.

Recebido em 06/10/2017
Aceito em 06/12/2017

Tradução de **Ernani Ssó**
Revisão gramatical **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Marli Bergel**

Gabriel Sapisochin
Call Orense, 85
(28020) Madrid, España
e-mail: sapisochin@gmail.com

© Revista de Psicoanálisis – Asociación Psicoanalítica de Madrid
Versão em português da *Revista de Psicanálise* – SPPA